



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 11/06/2021 a 17/06/2021

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
11/06/2021	15,08	383,30	66,98	6,80	6,84
14/06/2021	14,72	373,90	65,96	6,74	6,59
15/06/2021	14,65	372,40	65,57	6,61	6,67
16/06/2021	14,48	379,20	62,07	6,62	6,73
17/06/2021	13,29	361,50	56,57	6,39	6,33
Média	14,44	374,06	63,43	6,63	6,63

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	151,00	
RS – Não Me Toque	151,00	
RS – Londrina	146,00	
PR – Cascavel	146,00	
MT – C.N.Parecis	148,00	
MS – Maracaju	144,00	
GO - Rio Verde	155,00	
BA – L.E.Magalhães	146,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	95,00	CIF
Porto de Paranaguá	83,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	84,00	
SC – Rio do Sul	83,00	
PR – Cascavel	80,00	
PR – Londrina	80,00	
MT – C.N.Parecis	75,00	
MS – Maracaju	78,00	
SP – Itapetininga	95,00	
SP – Campinas	97,00	CIF
GO – Rio Verde	75,00	
GO – Jataí	75,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	81,00	
RS – Não Me Toque	81,00	
PR – Londrina	80,00	
PR – Cascavel	80,00	

Período: 16/06/2021

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 17/06/2021**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	85,53	156,85	82,39

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
17/06/2021**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	76,46
Feijão (saco 60 Kg)	257,19
Sorgo (saco 60 Kg)	64,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,98
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,94**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,69

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Maio/21 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago voltaram a recuar fortemente nesta semana, literalmente despencando na quinta-feira (17) quando limites de baixa foram rompidos. Com isso, o bushel fechou a quinta-feira em US\$ 13,29, valor que não era visto desde o primeiro dia útil de janeiro do corrente ano, e após US\$ 15,44 na semana passada. Ou seja, em uma semana o bushel perdeu US\$ 2,15. Desde o dia 12/05, quando o primeiro mês atingiu seu ponto mais elevado desta nova arrancada de preços, com US\$ 16,60/bushel, até o dia 17/06 (portanto, em pouco mais de um mês) o bushel de soja perdeu US\$ 3,31. A bolha especulativa estourou, como preveníamos que mais dia menos dia isso iria ocorrer. O tombo da quinta-feira se deveu ao movimento cambial nos EUA, em primeira instância, mas igualmente ao clima normal nas regiões produtoras daquele país e a pouca presença chinesa nas compras de soja estadunidense. Ao mesmo tempo, os subprodutos da soja, especialmente o óleo, que tinha disparado de preço na semana anterior, atingindo seu recorde histórico naquela Bolsa, sofreu severa correção nesta semana, fechando a quinta-feira (17) em 56,57 centavos de dólar por libra-peso, contra 72,08 centavos sete dias úteis antes. O fechamento desta quinta-feira foi o mais baixo para o óleo desde o dia 19 de abril do corrente ano, considerando o primeiro mês cotado. Já o farelo, que vinha recuando há mais tempo, bateu no seu mais baixo nível desde o dia 14 de outubro do ano passado, atingindo a US\$ 361,50/tonelada curta nesta quinta-feira (17/06).

Obviamente, a queda foi muito intensa em pouco tempo, fato que deve levar a correções para cima nos próximos dias, porém, salvo problemas climáticos importantes nos EUA durante as próximas semanas, provavelmente Chicago tenha entrado em um novo patamar de preços, agora mais baixos, embora ainda bastante importantes em relação ao nível de US\$ 8,71/bushel que estava há um ano atrás.

Para além do estouro da bolha especulativa, de concreto tem-se que o plantio da soja nos EUA caminha para o encerramento, com 94% da área já realizada em 13/06, contra a média histórica de 88% para esta data. Cerca de 86% das lavouras já haviam germinado, contra 74% na média. E as condições das lavouras, embora tenham piorado um pouco, continuam positivas. O total de boas a excelentes ficou em 62%. Outras 27% estavam regulares e 8% entre ruins a muito ruins.

Por outro lado, os embarques de soja por parte dos EUA, na semana encerrada em 10/06, somaram 128.092 toneladas, ficando abaixo das projeções do mercado. Em todo o atual ano comercial os EUA embarcaram 56,8 milhões de toneladas de soja, 57% a mais do que no mesmo período do ano passado.

Enfim, o mercado começa a se posicionar para o relatório de plantio definitivo nos EUA, o qual está previsto para o próximo dia 30/06. É possível que haja um pequeno aumento na área indicada quando da intenção de plantio, em março. Todavia, se a área vier menor, pode reverter o movimento de baixas que Chicago vem assistindo.

Aqui no Brasil, com o câmbio permanecendo na casa dos R\$ 5,00 a R\$ 5,05 por dólar em grande parte da semana, e diante de prêmios ainda negativos na maioria dos portos nacionais, o recuo em Chicago provocou novo e sensível recuo nos preços internos da soja. A média gaúcha perdeu praticamente quatro reais por saco em relação a semana passada, se fixando em R\$ 156,85/saco no final da corrente

semana. Algumas principais praças gaúchas de comercialização trabalharam com preço de balcão em R\$ 151,00/saco. Nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 144,00 a R\$ 155,00/saco.

A possibilidade de maiores estoques finais nos EUA, após o relatório do USDA do dia 10/06, e o aumento da safra brasileira recém colhida, se somam aos fatores já indicados para puxar para baixo os preços da oleaginosa. Além disso, a revalorização do Real perante o dólar deixa a soja brasileira menos atrativa para exportação, fazendo com que o produto dos EUA ganhe mais competitividade, assim como o da Argentina.

A boa notícia é que, com a proximidade do segundo semestre, naturalmente os prêmios no Brasil tendem a subir e, logo mais, deverão favorecer um pouco à formação dos preços internos da soja. Claro que muito disso irá depender da cadência de embarques de soja por parte do Brasil e do comportamento dos prêmios no Golfo, por onde embarca a soja dos EUA, especialmente a partir de setembro, quando se inicia a colheita por lá.

Vale ainda destacar que até o dia 04 de junho a comercialização da atual safra brasileira chegava a 76% do total, avançando mais lentamente do que o normal, porém, acima da média histórica para esta data, que é de 73%. Para a nova safra 2021/22 as vendas antecipadas alcançam 17,4% da colheita esperada, contra a média histórica de 15,1%, porém, bem abaixo do recorde ocorrido em 2020 que foi de 33,1% para esta data. (cf. Datagro)

Especificamente no Mato Grosso, maior produtor brasileiro de soja, a comercialização da safra de soja 2021/22, a ser plantada a partir de setembro, chegou a 32,5% da produção esperada neste início de junho, ficando atrás do registrado no mesmo período do ano anterior, que foi de 41,5%. Com o recuo dos preços, os produtores diminuíram o ritmo das vendas antecipadas. Mesmo assim, as vendas estão acima da média histórica, que é de 21,4%. Já a comercialização da atual colheita atingia a 88,3%, contra 92,6% no ano anterior e 85,4% na média histórica nesta data. (cf. Imea)

Em termos nacionais, para a próxima safra espera-se um aumento de 2,9% na área de soja. Em clima normal tal área pode resultar em uma produção brasileira entre 141 e 144 milhões de toneladas. Ou seja, por enquanto, haverá muito mais soja para ser negociada durante a colheita futura na comparação a este último ano. Este pode ser um fator de pressão baixista para os preços quando chegar o momento.

Afora isso, a Abiove atualizou suas estimativas, indicando que o esmagamento de soja neste ano deverá ficar em 46,5 milhões de toneladas no Brasil, com um recuo de quase 1% sobre o volume processado em 2020. Nos primeiros quatro meses de 2021 o Brasil esmagou 12,1 milhões de toneladas, a partir de uma amostra de 85% do esmagamento nacional. A redução neste esmagamento seria reflexo da redução da mistura obrigatória de biodiesel ao diesel de petróleo, a qual veio de 13% para 10% por determinação do governo federal. Espera-se uma retomada dos 13% nas próximas semanas, porém, ainda não há nada de concreto. Neste contexto, as exportações de óleo de soja, por parte do Brasil, deverão subir para 1,2 milhão de toneladas neste ano, com alta de 20% sobre a projeção anterior e de 8% sobre o exportado em 2020. De janeiro a maio de 2021, a exportação brasileira de óleo de soja cresceu 30% em relação ao mesmo período de 2020. Por outro lado, a Abiove aumentou sua estimativa

de exportação do grão de soja, podendo o volume total atingir a 85,7 milhões de toneladas em 2021, porém, reduziu a estimativa da produção de farelo.

Neste quadro geral de projeções e estimativas, a Secex informa que o Brasil embarcou, nos oito primeiros dias úteis de junho, um total de 5,1 milhões de toneladas de soja, tendo o ritmo perdido um pouco de fôlego. Mesmo assim, espera-se que o país exporte entre 12 e 13 milhões de toneladas de soja em junho.

Por enquanto, no acumulado do ano o Brasil teria exportado 55,3 milhões de toneladas de soja, ficando acima das 52 milhões de toneladas do ano passado nesta época. O preço médio de exportação da tonelada chega a US\$ 462,40 neste ano contra US\$ 337,20 no mesmo período de 2020. Ou seja, um aumento de 37,1%.

Já a Anec estima que o Brasil irá exportar 11,5 milhões de toneladas de soja em junho. Em farelo, as vendas ficariam em 2,13 milhões de toneladas, com forte aumento sobre junho do ano passado, quando o país exportou 1,39 milhão de toneladas do subproduto. Em se confirmando esta estimativa, as exportações brasileiras de soja somariam 61,8 milhões de toneladas no primeiro semestre de 2021, contra 82,3 milhões em todo o ano passado.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago também recuaram fortemente nesta semana. O primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (17) em US\$ 6,33/bushel, contra US\$ 6,99 uma semana antes. Ou seja, por enquanto o mercado encontra resistência em romper novamente o teto dos US\$ 7,00 e acaba voltando para patamares vistos com mais frequência apenas na terceira semana de abril do corrente ano.

O plantio do milho, estando encerrado nos EUA, nota-se que 96% das lavouras locais estão germinadas, contra 91% na média histórica. Já quanto as condições das lavouras, 68% estavam entre boas a excelentes (contra 72% na semana anterior), enquanto 27% estavam regulares e 5% entre ruins a muito ruins.

Já os embarques de milho por parte dos EUA, na semana encerrada em 10/06, atingiram a 1,54 milhão de toneladas, ficando no limite mínimo esperado pelo mercado. Com isso, o total já embarcado neste ano comercial atinge a 54 milhões de toneladas, ficando 75% acima do registrado no mesmo momento do ano anterior.

E no Brasil, os preços do milho recuam diante da entrada, mesmo que lenta e atrasada, da segunda safra no mercado. A média gaúcha ficou em R\$ 85,53/saco no fechamento da semana, enquanto nas demais praças os preços oscilaram entre R\$ 75,00 e R\$ 95,00/saco, com o CIF Campinas (SP) recuando para R\$ 97,00/saco.

Na B3 o vencimento julho/21 abriu o pregão da quinta-feira (17) em R\$ 84,70/saco, enquanto setembro/21 ficava em R\$ 84,70, novembro/21 em R\$ 85,59 e janeiro/22 em R\$ 87,17/saco. Há poucas semanas atrás, as primeiras posições atingiam valores de até R\$ 105,00/saco.

O recuo, além do início da colheita da safrinha, se deve a revalorização do Real, pois a mesma deixa menos competitivo o milho na exportação. Além disso, segundo a fonte citada, mesmo que a segunda safra fique em 60 milhões de toneladas, haverá 20 milhões acima do que será consumido internamente no segundo semestre. Isso significa que se terá que exportar boa parte deste volume e, hoje, com o atual câmbio, o mercado externo está pagando ao redor de R\$ 80,00/saco. (cf. Brandalize Consulting)

Por outro lado, os compradores estão adiando as compras esperando uma entrada mais expressiva da safrinha e, com ela, preços ainda mais baixos. Por sua vez, os vendedores seguram ao máximo o produto, pois os estoques estão baixos e a safrinha quebrou significativamente. Neste último caso, a Conab estima uma quebra de 6,8% sobre o ano anterior, com o volume ficando em 69,9 milhões de toneladas. Enquanto isso, a Geosys Brasil projeta uma colheita de segunda safra em 67 milhões de toneladas, com perdas de 13 milhões em relação ao projetado no início do plantio.

Em termos estaduais, no Mato Grosso 1,9% da área da segunda safra havia sido colhida até o dia 11/06, ficando bem abaixo dos 6,4% da média histórica. Por sua vez, a comercialização desta safra chegou a 77,3% do total, com um preço médio de R\$ 70,26/saco, sendo que os produtores locais continuam retraídos nas vendas. Já a futura safra 2021/22 possui 23,3% comercializada antecipadamente. (cf. Imea)

No Paraná, a colheita se mantém em apenas 1% da área total da segunda safra, com a qualidade das mesmas melhorando um pouco devido as chuvas das últimas semanas. Assim, 23% estão avaliadas como boas (22% na semana anterior), 45% regulares e 32% ruins. (cf. Deral)

E no Mato Grosso do Sul, mesmo com o retorno parcial das chuvas, as condições das lavouras se mantêm em 6% em bom estado, 58% regulares e 36% ruins (contra 35% uma semana antes). Em toda a primeira quinzena de junho o preço do milho recuou 3,3%, ficando na média de R\$ 85,36/saco. Este preço ainda está 128,9% acima da média registrada neste Estado em junho de 2020 (R\$ 37,29/saco). (cf. Famasul)

Enfim, segundo a Secex, nos primeiros oito dias úteis de junho o Brasil exportou 1.621 toneladas de milho, sendo este volume apenas 11,6% do total exportado em todo o mês de maio. A média diária de embarques atingiu a 202,7 toneladas, sendo 98,6% menor do que a média de junho de 2020. Por outro lado, a Anec estima que a exportação de milho, pelo Brasil, neste ano, fique em 29,5 milhões de toneladas, lembrando que existem outros analistas privados que chegam a estimar 25 milhões de toneladas.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo igualmente recuaram nesta semana, com o bushel do cereal, para o primeiro mês cotado, fechando a quinta-feira (17) em US\$ 6,39, contra US\$ 6,83 uma semana antes. O fechamento desta quinta-feira não era visto desde meados de abril passado.

A colheita do trigo de inverno nos EUA, até o dia 13/06, chegou a 4% da área esperada, contra a média histórica de 15% para esta data. Já as condições das lavouras a serem colhidas atingiram a 48% entre boas a excelentes, 32% regulares e 20% entre ruins a muito ruins. Já o trigo de primavera apresentava 37% das lavouras em condições entre boas a excelentes, 36% regulares e 27% entre ruins a muito ruins.

Quanto às exportações de trigo estadunidense, as mesmas somaram 480.341 toneladas na semana no 10/06, ficando dentro do esperado pelo mercado. No acumulado do ano comercial, que se iniciou neste 1º de junho, atinge a 673.329 toneladas, sendo 16% menor do que no mesmo período do ano anterior.

No Brasil, os preços do trigo igualmente cederam um pouco mais. A média gaúcha no balcão ficou em R\$ 82,39/saco, enquanto no Paraná a média recuou para R\$ 80,00/saco.

Os preços nacionais do trigo continuam enfraquecendo na medida em que se espera uma safra cheia e as importações ficam mais competitivas com o atual câmbio. Mesmo assim, os atuais preços estão bem acima dos praticados no ano passado nesta época. Segundo a Conab, espera-se uma colheita total no Brasil de 6,94 milhões de toneladas do cereal na atual safra, o que seria um recorde.

Por outro lado, a Fecoagro atualizou suas projeções de custo de produção para o trigo gaúcho nesta safra 2021. Agora, os custos totais chegam a R\$ 4.305,01/hectare, considerando 60 sacos/ha de produtividade. Com isso, o custo por saco chega a R\$ 71,75. Ou seja, pelos atuais preços pagos ao produtor, ainda há um ganho ao redor de R\$ 11,00/saco. Todavia, se a safra vier cheia a tendência é preços em recuo mais acentuado a partir de setembro, quando começa a colheita no Paraná.

O atual custo representa um acréscimo de 31,7% sobre o registrado na safra passada. Considerando apenas o custo variável, o mesmo atinge a R\$ 3.187,02/hectare, com aumento de 32,5% em um ano. Neste caso, o produtor precisará colher 37,9 sacos/hectare de média para pagá-lo, enquanto será necessário 51,2 sacos para cobrir o custo total. Apesar destas altas no custo, há uma boa melhora na relação de troca desde a safra de 2013, pois se reduziu em 16,9% o número de sacos de trigo para cobrir os custos de produção. Obviamente levando-se em conta um preço médio de R\$ 84,00/saco, algo que já não está mais presente no cenário estadual. Como não poderia deixar de ser, o forte aumento nos custos de produção veio na esteira dos produtos que dependem do câmbio, já que o Real esteve muito desvalorizado até há pouco tempo.

A Fecoagro espera, ainda, que o Rio Grande do Sul colha 3,5 milhões de toneladas de trigo neste ano, desde que o clima colabore, já que a área semeada avançou mais de 15% sobre o ano anterior.

Enfim, a título de complemento, a multinacional Bunge, maior compradora e processadora de trigo no Brasil, informou que irá retomar suas operações de moagem do cereal no Moinho Brasília, que estava parado há cerca de três anos. Este moinho tem capacidade de processar 300 toneladas por dia e visará atender ao mercado nacional, com farinha de trigo para panificação, indústrias, consumo final, além de farelo de trigo. A Bunge tem sete moinhos distribuídos pelo território brasileiro,

processando mais de um milhão de toneladas por ano. Além do Distrito Federal, os produtos do Moinho Brasília também atenderão aos Estados de Goiás, Mato Grosso, Acre, Rondônia e Tocantins. (cf. Notícias Agrícolas)